

EDGAR A. POE
LIGEIA

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Joyce Cristhiane Valenciano

Maiky de Oliveira Santos

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

Ligeia

Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FÁCSM

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Cottonbro Studio. Woman in white scoop neck shirt [Internet]. 2020 Oct 21 [acesso 04 nov 2025]. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/woman-in-white-scoop-neck-shirt-6718528/>.
Figura registrada como: *Free for use. Royalty-free image.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P723l

1.ed. Ligeia [livro eletrônico] / Edgar A. Poe;
adaptadores: Renato Massaharu Hassunuma...
[et al.]. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2025.
PDF.

Título original: Ligeia

Outros adaptadores: Joyce Cristhiane
Valenciano, Maiky de Oliveira Santos, Patrícia
Carvalho Garcia-Bonichini, Sandra Heloísa Nunes
Messias.

ISBN 978-85-7917-700-2

1. Ficção norte-americana. I II. Poe, Edgar,
Allan, 1809-1849. III. Hassunuma, Renato
Massaharu. IV. Valenciano, Joyce Chisthiane. V.
Santos, Maiky de Oliveira. VI. Garcia-Bonichini,
Patrícia Carvalho. VII. Messias, Sandra Heloísa
Nunes.

12-2025/81

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129



EDGAR A. POE

LIGEIA

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Professor Titular do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

Joyce Cristhiane Valenciano

Aluna do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

Maiky de Oliveira Santos

Aluno do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Coordenadora Auxiliar do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista – UNIP

Campus Bauru

Sandra Heloísa Nunes Messias

Coordenadora Geral do Curso de Biomedicina

Universidade Paulista – UNIP

1^a Edição / 2025

Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a *Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima* e o *Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da Universidade Paulista – UNIP, por meio da Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma
Joyce Cristhiane Valenciano
Maiky de Oliveira Santos
Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini
Sandra Heloísa Nunes Messias*

APRESENTAÇÃO

Ligeia é um romance gótico escrito por Edgar A. Poe e publicado originalmente em 1838. No conto, o narrador descreve os acontecimentos inesperados que ocorrem depois da morte de sua bela e amada esposa.

Esta publicação é uma produção científica do GP15 – Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no link: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Esta obra teve o apoio da Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP, sendo parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”, de autoria do Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma.

Uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma
Joyce Cristhiane Valenciano
Maiky de Oliveira Santos
Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini
Sandra Heloísa Nunes Messias*

EDGAR A. POE

LIGEIA

EDGAR A. POE

LIGEIA

Não me lembro como conheci Ligeia. Já faz muito tempo. O sofrimento enfraqueceu minha memória. Sua beleza e seu jeito doce de conversar entraram em meu coração com passos tão suaves que nem percebi quando chegaram.

Creio que a conheci há muito tempo, em alguma cidade antiga e decadente perto do rio Reno. Agora, ela é apenas uma doce lembrança daquela que não existe mais. Enquanto escrevo estas palavras, uma lembrança me vem à mente. Eu nunca soube o seu sobrenome paterno. Mas ela foi minha amiga, minha parceira de estudos e minha esposa. Jamais me esquecerei de Ligeia.

Ela chegou na minha vida e partiu como uma sombra. Era uma mulher alta e bela. Eu poderia até tentar descrever a majestade de sua beleza, o seu comportamento tranquilo ou a leveza de seus passos. Mas nunca houve uma mulher com um rosto tão lindo. Suas feições não eram clássicas, mas tinham um requinte. Tinha um contorno da testa impecável. Sua pele clara e suave competia com o marfim mais puro. As tranças negras eram brilhantes e onduladas. O contorno delicado do nariz tinha uma perfeição incomparável. Sua boca doce vinha de um lábio superior curto e de suas graciosas covinhas de cada lado. Os dentes tinham um brilho surpreendente. Seu sorriso era radiante. Seu queixo tinha a perfeição de uma estátua grega. Seus olhos eram incomparáveis. Eram grandes olhos negros brilhantes, cheios de vitalidade e protegidos por longos cílios. Suas sobrancelhas eram levemente irregulares e tinham a mesma cor que seus cílios. Ah, a expressão dos olhos de Ligeia! Tenho pensado tanto neles. Aqueles olhos! Aqueles olhos grandes, brilhantes e divinos! Eles se tornaram para mim duas estrelas gêmeas. Eu era devotado a eles como um astrólogo.

Meu espírito era um santuário habitado pela beleza de Ligeia. Meu sentimento por ela era tão vasto que não havia mais como medir. Ver sua beleza era como contemplar o nascimento de uma borboleta ou observar as águas de um riacho. Era como ver a profundidade de um oceano ou ser preenchido pelo som das cordas de um instrumento. Ela, sempre tão tranquila, foi capturada por uma paixão tão severa. Seus olhos me encantavam. Sua voz baixa era uma melodia mágica, pronunciando palavras selvagens.

Nunca conheci uma mulher com tanto conhecimento. Era proficiente em línguas clássicas. Eu confiava nela como uma criança, especialmente durante os primeiros anos de nosso casamento. Sentia um prazer imenso, quando ela se inclinava sobre mim, enquanto eu estudava.

Anos depois, Ligeia adoeceu. Os olhos ainda tinham um certo brilho, mas seus dedos ficavam pálidos como uma cera transparente sobre uma sepultura. As veias azuis de sua testa saltavam. Percebi que ela iria morrer. As lutas da minha esposa apaixonada eram, para meu espanto, ainda mais enérgicas do que as minhas. Não consigo transmitir por palavras a resistência com que ela lutava contra a sombra. Eu tentava me acalmar. Poderia ter pensado melhor, mas eu estava tomado pela loucura. Em seus últimos momentos, sua voz ficou mais gentil e mais baixa. Eu me sentia tonto ao ouvi-la delirando.

Não tinha dúvida que ela me amava. Eu podia perceber facilmente que em um coração como o dela, não poderia reinar um amor comum. Enquanto morria, percebia a força de sua afeição. Ela permanecia por longas horas segurando a minha mão. Eu seria merecedor de tantas bençãos? Como eu poderia ser amaldiçoado por perder minha amada? Não consigo me prolongar sobre esse assunto. Digo apenas que me sentiria infeliz eternamente ao perder Ligeia. Eu não merecia tudo aquilo. Todo aquele amor que ela me oferecia. Eu via todo o seu desejo pela vida que agora fugia tão rapidamente.

À meia-noite, ela me chamou e pediu para que declamasse alguns versos que ela mesma compôs alguns dias antes. Eu a obedeci. Ligeia estava exausta de emoção. Ela deixou seus braços brancos caírem e se voltou solenemente ao seu leito de morte. Enquanto ela dava seus últimos suspiros, seus lábios murmuravam. Inclinei meu rosto e ouvi suas palavras finais vindas de uma passagem do poema: "O homem não se entrega aos anjos, nem à morte totalmente, exceto pela fraqueza de sua débil vontade". Ela morreu. E eu estava esmagado pela tristeza. Não podia mais suportar a desolação solitária da minha casa naquela cidade escura e decadente perto do Reno.

Após a morte de Ligeia saí para vagar sem rumo. Alguns meses depois, já cansado, comprei e conversei uma abadia em uma das partes mais isoladas da Inglaterra.

Era um lugar que tinha uma grandeza sombria, um aspecto quase selvagem, muitas memórias consagradas pelo tempo. Aquele lugar tinha um aspecto de total abandono, mas era isso que me atraia. A área externa era coberta por uma decadência verdejante. Houve poucas alterações na construção do lugar causadas pelo tempo.

Imaginava que lá poderia aliviar minhas tristezas. Refiz a decoração do lugar com cortinas lindas, esculturas egípcias, móveis rústicos e tapetes dourados. Mas enquanto tentava me reerguer, eu era escravizado pelo ópio, e com isso, meus sonhos iam perdendo a cor.

Em um momento de alienação mental, me envolvi e decidi casar com aquela que acreditava ser a sucessora de Ligeia, uma linda loira de olhos azuis, Rowena Trevanion, da vila de Tremaine na Inglaterra.

Eu me lembro de cada detalhe do nosso casamento. Mas fico pensando, onde estavam os familiares da noiva que permitiram que tudo isso acontecesse? Digo que me lembro minuciosamente do local do nosso casamento, mas me esqueço de outros momentos. O casório foi consagrado em uma torre alta de um castelo. Era um salão espaçoso de forma pentagonal.

Em umas das paredes havia uma janela imensa, com uma única vidraça com a cor de chumbo. Os raios do sol ou da lua atravessavam o vidro e criavam um brilho acinzentado medonho sobre todo local. Na parte de cima da janela, havia uma trepadeira que escalava as paredes maciças da torre. O teto de carvalho criava uma aparência sombria. O telhado era muito alto e enfeitado com detalhes góticos. No centro do salão, havia um enorme incensário dourado pendurado por uma corrente de ouro de elos enormes e rico em ornamentos medievais. Tinha muitas perfurações, por onde podia se observar o brilho do fogo multicolorido. Algumas almofadas e candelabros dourados orientais estavam espalhados por todo lugar.

Havia também um sofá indiano, baixo e esculpido em ébano sólido, coberto por um véu semelhante a um manto, destinado à noiva. Em cada um dos cantos do salão, havia sarcófagos gigantescos de granito preto, que abrigavam túmulos dos reis. Eles tinham tampas envelhecidas decoradas com esculturas enormes. As cortinas eram a principal peça de decoração do lugar, uma vez que as paredes eram muito altas, quase que desproporcionais. Elas iam do teto ao chão, fazendo vastas dobras, e eram feitas de uma tapeçaria pesada e maciça, como se fosse um tapete. O tecido era dourado, cheio de arabescos e detalhes em preto. Para quem entrava na sala, os desenhos tinham uma aparência monstruosa. Uma forte corrente de ar atrás das cortinas criava um movimento fantasmagórico.

Durante o primeiro mês de casamento, fiquei sozinho por muito tempo. Minha esposa me evitava, temendo o meu mau humor. Seu amor por mim diminuía aos poucos. Eu sentia um ódio que pertencia mais ao demônio do que ao homem. Minhas lembranças voltaram, e eu só pensava em Ligeia, a amada, a bela, a sepultada. Eu me deleitava com as lembranças de sua pureza, de sua sabedoria, de seu amor apaixonado. Eu estava acorrentado ao ópio. Nos sonhos que tinha durante seu uso, eu chamava seu nome em voz alta. Eu poderia trazê-la de volta?

Por volta do início do segundo mês de casamento, Rowena foi atacada por uma doença súbita, da qual se recuperava lentamente. As noites eram perturbadas pela sua febre. Enquanto estava naquele estado sonolento, ela falava e se movia estranhamente. Pensava que pudesse haver alguma influência fantasmagórica daquele lugar. Mas finalmente ela se recuperou.

No entanto, foi apenas por um breve período, pois logo uma segunda doença, ainda mais violenta, levou Rowena de volta para seu leito de sofrimento. Sempre fraca, ela nunca conseguiu se recuperar totalmente dessa desordem.

Suas doenças foram, após essa época, todas de caráter alarmante e recorrentes, desafiando o conhecimento médico. Com a piora da doença, aparentemente não haveria como ser salva. Ela estava irritada e reclamava dos sons e movimentos incomuns das cortinas.

Uma noite, perto do final de setembro, ela tocou em um assunto angustiante. Ela acordou de um sono inquieto, enquanto eu observava seu rosto com ansiedade e terror. Sentei-me em uma das almofadas indianas, ao lado de sua cama de ébano. Ela sentou e sussurrou algo sobre os sons que ouvia. Eu queria mostrar a ela que aqueles sons vinham dos golpes do vento por trás da tapeçaria. Mas sua palidez mortal mostrava para mim que meus esforços para tranquilizá-la seriam infrutíferos. Ela parecia estar desmaiando e não havia nenhum cuidador por perto. Corri para pegar um decantador de vinho que havia sido recomendado por seus médicos. Enquanto caminhava senti que algo passou por mim. Vi uma sombra fraca e indefinida de aspecto angelical. Naquele momento, eu estava desorientado pelo ópio. Por isso, não comentei nada com Rowena. Peguei o vinho e servi a ela uma taça cheia. Levei aos seus lábios. Ela já havia se recuperado parcialmente. Segurou a taça, enquanto eu me afundava naquela almofada. Eu olhava fixamente para ela. Foi então que percebi um passo suave sobre o tapete perto do sofá. Depois, vi cair três ou quatro gotas de um fluido vermelho brilhante dentro da taça. Ela engoliu o vinho. Eu acreditava ser fruto de minha alucinação causada pelo ópio e pelo tardar da hora.

Observei que algo estranho aconteceu depois que ela bebeu o vinho. Três noites depois, os servos preparavam o seu túmulo e na quarta noite, eu já me encontrava sentado sozinho junto ao seu corpo envolto por mortalhas. Eu olhava as sepulturas nos cantos da sala, as figuras nas cortinas e o fogo se contorcendo no incensário pendurado. Fechei os olhos e da noite em que vi a sombra no quarto de Rowena. Mas ela já não estava mais lá. Eu conseguia respirar livremente agora.

Olhei o corpo pálido e rígido sobre a cama. E mais uma vez, tive mil lembranças de Ligeia que voltaram violentamente ao coração, juntamente com uma tristeza indescritível. A noite passava, mas meu peito permanecia cheio de pensamentos amargos, enquanto velava o corpo de Rowena.

Próximo da meia-noite, ouvi um gemido baixo que me acordou. Eu estava assustado, por isso, fiquei em silêncio. Mas o som não se repetiu. Olhava para o cadáver, mas não observava nenhum movimento. Eu não poderia estar enganado. Eu ouvi um barulho. Por mais baixo que fosse, me acordou. Minutos se passaram, sem que o mistério fosse resolvido. Por fim, observei que as bochechas estavam levemente coradas e vi que pequenas veias afundavam em suas pálpebras. Com horror indescritível, senti meu coração parar de bater. Meus membros ficaram rígidos. Creio que fomos precipitados nos preparativos, pois Rowena ainda estava viva. Era necessário fazer alguma coisa, mas a torre estava totalmente separada da parte da abadia onde estavam os servos. Tentei reanimá-la. Era claro que ela havia sofrido apenas uma recaída, suas pálpebras e bochechas perderam a cor, deixando uma palidez maior que a do mármore. Seus lábios ficaram enrugados e com a expressão medonha da morte. Sua pele era úmida e fria. Desmaiei no sofá e novamente me entreguei às visões apaixonadas de Ligeia. Uma hora se passou e pela segunda vez fui acordado por um som vindo da cama. Eu escutei com extremo horror.

O som se repetiu. Eu ouvia novamente um suspiro. Fui correndo para ver o cadáver e vi um tremor em seus lábios. Logo eles relaxaram, revelando o aspecto perolado de seus dentes. Minha visão escureceu. Havia agora um brilho fraco na testa, nas bochechas e no pescoço. Um calor perceptível se espalhava pelo quarto. Havia até uma leve pulsação vinda do coração. Rowena sobrevivia. Eu me esforcei irritado para reanimá-la. Mas mais uma vez foi em vão.

Repentinamente, a cor sumiu, a pulsação cessou, os lábios retomaram a expressão mórbida e, logo depois, todo o corpo se tornou frio, pálido, rígido e com todas as peculiaridades de um cadáver. Novamente, eu me entreguei às visões de Ligeia e novamente ouvi um murmúrio vindo da cama. Mas para que detalhar mais uma vez o que se repetiu naquela noite? Cada vez que desmaiava, eu acordava para ver ela morrendo novamente.

A noite se passava e mais uma vez Rowena estava morta. E novamente seu corpo se mexeu. Então parei de tentar compreender toda a situação. Permaneci sentado rigidamente sobre a almofada, processando aquele turbilhão de emoções violentas. O semblante ganhava cor, os membros estavam relaxados e as pálpebras ainda estavam fortemente pressionadas juntas. Eu poderia ter sonhado que Rowena tinha se livrado da Morte; mas ao me levantar da cama, cambaleando, com passos fracos e desnorteado como em um sonho, eu vi o corpo envolto em mortalhas andando para o meio do quarto. Eu olhava paralisado para a aparição. Meus pensamentos estavam desordenados. Poderia, de fato, ser Rowena?

Eu observava enormes massas de cabelos longos e desgrenhados. Eram de cor mais negra do que as asas de corvo da meia-noite.

Agora lentamente seus olhos abriram diante de mim. Não podia estar enganado. Aqueles olhos enormes, negros e selvagens pertencem ao amor que perdi há muito tempo. Eles eram daquela que chamo de Ligeia.



Ligeia é um romance gótico
escrito por Edgar A. Poe e
publicado originalmente em 1838.
No conto, o narrador descreve os
acontecimentos inesperados que
ocorrem depois da morte de sua
bela e amada esposa.